

Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 3, Crítica de Texto

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Na última sessão falamos um pouco sobre a origem e produção das Escrituras, discutindo principalmente o que nós e o que os teólogos chamam de inspiração, e examinamos uma série de textos que descrevem e revelam o caráter das Escrituras, o que elas dizem sobre si mesmas, e o fenômeno dos fenômenos das Escrituras e como os reunimos para formular uma compreensão da Bíblia como inspirada. Uma das melhores descrições que encontrei vem de I. Howard Marshall, onde ele diz, no nível humano podemos descrever sua composição, isto é, a composição da Bíblia, em termos dos vários processos orais e literários que estão por trás dela. . A recolha de informações de testemunhas, o uso de fontes escritas, a redação e edição de tais informações, a composição de cartas espontâneas, o compromisso de escrever mensagens proféticas, a recolha de vários documentos em conjunto, e assim por diante.

Ao mesmo tempo, porém, no nível divino, podemos afirmar que o Espírito que se moveu sobre a face das águas da criação, Gênesis 1-2, esteve ativo em todo o processo, de modo que a Bíblia pode ser considerada tanto como as palavras dos seres humanos ou dos homens e a Palavra de Deus. Esta atividade do Espírito pode ser descrita como coincidente com as atividades humanas através das quais a Bíblia foi escrita. Então, de acordo com esse entendimento, em nossa discussão durante a última sessão, sugerimos que a Bíblia, enquanto a própria Palavra de Deus, ao mesmo tempo revela processos de produção muito humanos, mas que o Espírito de Deus estava tão trabalhando nisso, que o produto, o produto final, é nada menos que a própria Palavra de Deus.

E dissemos que uma das ramificações disso para a hermenêutica e a interpretação é que os vários métodos e críticas que começaremos a discutir hoje, e até mesmo um

estudo das diferentes contribuições de diferentes pessoas históricas para a hermenêutica e a nossa compreensão da interpretação, são todos importante porque a Bíblia é nada menos que um documento humano. Mas certamente é mais do que isso. Como Palavra de Deus, é mais do que apenas uma obra humana.

Tem uma reivindicação em nossas vidas. É autoritário. Um dos corolários da inspiração é um termo que não discutimos, e não pretendo entrar em detalhes, é a inerrância.

Esse é um argumento principalmente dedutivo. Se a Bíblia é a Palavra de Deus, e se Deus é verdadeiro e não mente, segue-se que esse produto, a Escritura, portanto, não contém erros, não engana, etc. Escrituras, mas quero falar mais agora sobre a transmissão das Escrituras.

Isto é, como sabemos que a Bíblia que temos realmente reflete o que Deus revelou originalmente através desse processo de inspiração? Como sabemos o que os autores humanos realmente registraram sob a inspiração do Espírito Santo? Como sabemos que o texto do Novo e Antigo Testamento, ao qual a maioria de nós tem acesso através de tradução, embora se você conhece grego e hebraico, o que vamos falar hoje é imediatamente relevante para isso. Mas como sabemos que a Bíblia que temos reflete com precisão o que os autores humanos escreveram e o que Deus pretendia comunicar no texto inspirado das Escrituras? A primeira fase da transmissão, na verdade, há duas fases que são relevantes para nós. Um deles é o que falaremos na próxima sessão, é a tradução que descreve como temos acesso ao Antigo e ao Novo Testamento através da nossa própria língua.

Quando vimos numa das últimas sessões que um dos obstáculos a superar ou uma das distâncias a superar na interpretação é que o Antigo e o Novo Testamento estão escritos em línguas muito diferentes. Há uma distância linguística entre nós e o texto

original. A tradução nos permite ter acesso ao Antigo e ao Novo Testamento em nossa própria língua.

Então vamos conversar sobre isso. Mas a questão que quero discutir brevemente hoje, uma questão da qual a maioria de nós não necessariamente participará ou se envolverá, mas que é relevante para a hermenêutica, porque em certo sentido é o estágio inicial da hermenêutica porque trata da fundação das Escrituras ou do próprio texto. Como sabemos que o texto que temos é uma base adequada e precisa para a hermenêutica e a interpretação? E isso é conhecido como crítica de texto.

Portanto, meu objetivo principal não é fazer de vocês críticos de textos, embora alguns de vocês possam optar por fazê-lo, porque, como veremos, a crítica de textos é um campo muito especializado. E então, principalmente, o que eu quero fazer é apresentar a você o que é crítica de texto, para que você possa acompanhar os argumentos e as discussões sobre isso, mas também para que você tenha uma apreciação maior pelo texto do Antigo e do Novo Testamento que você tem. A Bíblia que você tem em mãos é o produto de uma jornada bastante longa e árdua que foi empreendida por vários estudiosos que fizeram o trabalho árduo para fornecer as Escrituras que você tem para interpretar e ler.

E então quero falar um pouco sobre essa coisa chamada crítica de texto. O que é crítica textual, mais uma vez, trata da transmissão das Escrituras, começando com a inspiração, o fato de que o Antigo Novo Testamento afirmava ser a palavra inspirada de Deus, mas o fato de não termos nenhum dos manuscritos originais, não temos o documento original que o profeta Isaías escreveu, ou não temos o documento original que Paulo escreveu ou Mateus escreveu, ou o autor de Rute ou 1 e 2 Samuel. Não temos os documentos originais.

Em vez disso, o que temos são cópias disso, na verdade de forma mais literal, às vezes cópias de cópias de cópias do texto original. Uma maneira talvez de visualizar isso é que a crítica de texto é um pouco como uma árvore. O tronco da árvore seria o texto original, talvez, ao qual não temos acesso, e todos os galhos que se estendem em direções diferentes e eles próprios têm brotos e galhos.

Seriam os manuscritos e as cópias que resultaram, e muitas vezes só temos acesso às próprias pontas e bordas e pontas dos galhos que estão bastante distantes, embora integralmente relacionados ao próprio tronco da árvore. Então, com a crítica textual, porque não temos os manuscritos originais, mas só temos cópias, às vezes novamente, geralmente são cópias de cópias de cópias, muitas vezes, às vezes, separadas por centenas de anos, embora no Novo Testamento, às vezes, a evidência seja um pouco um pouco mais perto, mas muitas vezes os manuscritos são separados temporalmente dos manuscritos originais, o que a crítica textual faz é na verdade funcionar ao contrário. Funcionou ao contrário na tentativa de explicar como passamos dos manuscritos originais para o que temos agora. E com base em todas as evidências, é uma tentativa de retroceder e tentar recuperar da forma mais precisa e adequada possível a aparência dos manuscritos originais.

Então, trabalhando de trás para frente, e explicaremos um pouco o processo, trabalhando de trás para frente a partir de todas as evidências e de todos os manuscritos que temos, trabalhando de trás para frente, é uma tentativa de reconstruir o mais fielmente possível o que o autor original provavelmente teria escrito. Porque lembre-se, não temos o manuscrito original. Temos apenas cópias de cópias de cópias, e temos muitas delas, especialmente em relação ao Novo Testamento.

A suposição é que no processo de copiar o original, começando com o manuscrito original, e no processo de copiar e fazer cópias para torná-los mais disponíveis, a

suposição é que certas mudanças, certos erros, certas diferenças surgiram à medida que o manuscrito foi sendo desenvolvido. , os manuscritos foram copiados, de modo que o que temos é um grupo de manuscritos que às vezes diferem entre si em determinados lugares. E com base em tudo isso, porque todos os manuscritos têm diferenças, novamente, precisamos tentar trabalhar de volta e perguntar como é que essas diferenças surgiram? E podemos descobrir qual dessas leituras, dentre todas as evidências, podemos descobrir qual delas é provavelmente o que Paulo pretendia? A suposição está em todos os manuscritos em algum lugar, com cada palavra, com cada frase, com cada versículo em algum lugar, existe o texto original que Paulo escreveu, ou Isaías, ou quem quer que seja. E assim a crítica textual tenta estabelecer o texto mais preciso possível.

Os críticos de texto costumam dizer que é uma ciência e uma arte. Existem princípios definidos que nos ajudam a voltar ao texto, mas também é uma arte. Não é como uma receita onde você simplesmente adiciona todos os ingredientes e aí está o seu produto final.

É preciso muito pensamento criativo e é tanto uma arte quanto uma ciência. O processo de copiar os manuscritos, como obviamente no dia anterior tínhamos uma impressora, ou agora temos computadores e impressoras, e você pode facilmente imprimir múltiplas cópias com precisão de praticamente qualquer coisa. Naquela época, obviamente, a única maneira de produzir múltiplas cópias ou produzir cópias para consumo público era através da cópia humana.

É uma pessoa sentada com um pergaminho e quaisquer instrumentos que usou para escrever ao longo dos séculos, e passando à mão pelo processo bastante trabalhoso de copiar um texto. E muitas vezes o que aconteceria, e a propósito, preciso prefaciar minha declaração, a maioria dos meus comentários novamente refletem minha área de especialidade, que é o Novo Testamento. Na verdade, tanto o Antigo

como o Novo Testamento têm uma abordagem à crítica textual ligeiramente diferente porque trabalham com diferentes tipos de evidência.

E, na verdade, veremos que o Novo Testamento é provavelmente mais bem atestado historicamente, no que diz respeito à quantidade de evidências, do que praticamente qualquer outro documento. Como veremos, há cerca de 6.000 manuscritos diferentes que testemunham o texto do Novo Testamento. Falaremos um pouco sobre isso mais tarde.

O que normalmente aconteceria, especialmente no Novo Testamento, são algumas coisas. Número um, se um escriba estivesse copiando um texto, o que aconteceria é que o escriba teria um texto ou um manuscrito próximo a ele com, digamos, o Evangelho de Marcos, e sua folha ou sua folha de papiro ou o que quer que ele estivesse copiando. em seu material de escrita. E o que aconteceria, o processo seria que o escriba leria um grupo de palavras ou talvez uma linha do texto e então teria que mantê-lo em sua mente e desviar seus olhos disso para seu manuscrito e lembrar o que acabou de ler e escreva.

Agora vocês podem ver esse processo de ir e vir, uma série de coisas poderiam acontecer, como veremos daqui a pouco. Um autor pode esquecer o que escreveu e, sem dúvida, se você já tentou escrever assim e copiar algo que está lendo e tentar copiar à mão, às vezes cometerá erros. Você pode adicionar uma palavra, pode perder uma palavra, e veremos em um momento que outras coisas podem acontecer.

Mas a questão é que, à medida que um escriba copia dessa maneira, indo de um manuscrito, aquele ao qual ele tem acesso, até o utensílio de escrita que ele agora está registrando, há diferentes coisas que podem acontecer, diferentes erros ou diferentes erros. diferenças que podem realmente acontecer enquanto ele copia.

Você já ouviu a afirmação: errar é humano, e isso certamente é verdade na cópia de manuscritos. A outra coisa que muitas vezes aconteceria, uma maneira de produzir manuscritos do Novo Testamento em massa seria alguém ficar como eu e ler um manuscrito onde você tem vários escribas realmente copiando o que está sendo lido.

Agora, obviamente, como o escriba, como a pessoa que lê pronuncia algo ou diz algo, ou talvez a pessoa que lê pode não pronunciar algo claramente ou pode acidentalmente perder uma palavra, tudo isso será refletido quando os manuscritos forem copiados. Assim, você pode ver através desses processos muito humanos, de copiar à mão e à vista os manuscritos do Novo Testamento, que certas diferenças e certos erros podem surgir. , porque acho que é uma incógnita, alguém poderia obviamente perguntar: por que Deus permitiria, por que ele inspiraria sua palavra e então permitiria, através do processo humano de cópia, certos erros ou certas diferenças se infiltrarem? Não sei por que isso acontece.

Há uma série de explicações possíveis, mas acho que ninguém sabe por que Deus permitiria o processo muito humano de cópia. Mas, tendo dito isto, há um grau muito elevado e um elevado nível de confiança que os estudiosos pensam através do processo de crítica textual; eles de fato recuperaram e restauraram exatamente o que os escritores originais comunicaram. E mesmo assim, na maior parte do texto, especialmente no Novo Testamento, a maioria das mudanças que foram feitas são bastante inconsequentes.

Nada significativo depende da maioria deles. Para que possamos estar muito confiantes de que o que temos é o reflexo preciso e confiável do que os autores do Novo Testamento escreveram dos autores do Antigo Testamento. Deixe-me fazer apenas algumas observações relacionadas à crítica textual.

E, novamente, a maioria dos meus comentários é voltada para o Novo Testamento. Em primeiro lugar, já mencionamos que no Novo Testamento há um embaraço de riquezas ou um embaraço de evidência quando se trata do texto do Novo Testamento. Um estudioso disse que há um excedente opressivo de material quando se trata dos diferentes manuscritos do Novo Testamento.

E dissemos que existem cerca de 6.000 peças manuscritas diferentes. Agora, diga-se, nem todos são iguais. Às vezes você tem alguns manuscritos que contêm praticamente todo o Novo Testamento.

Outras vezes, você tem manuscritos que terão apenas um livro ou alguns livros. E às vezes eles não têm o livro inteiro. Também temos fragmentos.

Por exemplo, alguns dos primeiros são apenas fragmentos de um capítulo de João ou parte de um capítulo de João. Portanto, a evidência manuscrita é muito diversa quanto à sua integridade, ao seu caráter, à sua qualidade. Mas a questão é que há uma vergonha de riquezas com as quais trabalhar.

E isso pode ser uma bênção e uma maldição. Então, obviamente, porque temos tantas evidências, podemos estar confiantes de que temos mais com que trabalhar para tentar reconstruir o texto. Mas como há tanto, às vezes pode ser opressivo e assustador trabalhar com tanto material.

Mas a questão é que há um excesso ou um constrangimento de evidências quando se trata do texto do Novo Testamento, mais do que qualquer outro documento histórico. Então, mais uma vez, podemos ter certeza de que podemos reconstruir com um nível de probabilidade muito, muito alto, o que os autores do Novo Testamento realmente escreveram. A segunda coisa é que é importante que você entenda alguns termos importantes quando se trata de crítica textual.

Novamente, quando você estiver lendo ou discutindo discussões sobre crítica de texto ou em seus livros mnemônicos ou qualquer outra coisa, você será capaz de acompanhar o que está acontecendo. A primeira obviamente seria a palavra manuscrito. Um manuscrito, como o nome indica, é na verdade um documento manuscrito ou um pergaminho manuscrito ou veremos os diferentes tipos de materiais de escrita, mas um documento manuscrito que atesta o Novo Testamento.

Novamente, como dissemos, às vezes a evidência que temos, às vezes é praticamente todo o Novo Testamento ou seções dele ou apenas seções do livro ou um fragmento de um capítulo ou parágrafo de um dos documentos do Novo Testamento, mas um manuscrito é simplesmente um documento manuscrito ou parte de um documento ou fragmento ou qualquer coisa que ateste o Novo Testamento ou parte do Novo Testamento, seja um capítulo ou livro ou qualquer outra coisa. Isso é um manuscrito. Outro termo com o qual você precisa estar familiarizado é o termo variante.

Uma variante é basicamente qualquer mudança quando você compara os manuscritos onde quer que sejam diferentes, onde um manuscrito difere de outro. E, novamente, muitas vezes é apenas uma palavra, às vezes apenas uma diferença ortográfica, às vezes pode ser um grupo de palavras ou algo maior. Falaremos um pouco sobre o Evangelho de Marcos, que na verdade o Evangelho de Marcos às vezes tinha alguns finais diferentes anexados, então às vezes poderia ser um parágrafo inteiro.

Mas uma variante é simplesmente uma diferença entre dois ou mais manuscritos. Quando você compara os manuscritos onde um manuscrito difere na leitura, e pode ter uma palavra diferente ou faltar uma palavra ou algo assim, isso é uma variante. E é de todas essas variantes, novamente, que os críticos de texto tentam determinar

qual delas, quando você compara todos os textos, qual delas provavelmente reflete exatamente o que Paulo escreveu ou Isaías ou quem quer que seja, o autor de 1 e 2 Reis ou Gênesis.

Outro termo com o qual você precisa estar familiarizado é papiro. Um papiro foi uma ferramenta de escrita muito antiga. Um papiro era uma folha construída usando tiras de uma planta de papiro encontrada no Egito e, ao desenhá-las e colá-las, basicamente foram capazes de formar uma folha ou página que foi um dos primeiros meios de escrever ou registrar algo. .

Então você precisava saber o que é um papiro. Dois outros termos relacionados a isso que você precisa saber são pergaminho. Um pergaminho foi, novamente, uma forma muito antiga de técnica de escrita.

E o que aconteceu é que você pegou várias folhas de papiro e basicamente colou-as e poderia ser enrolado. Isso foi um pergaminho. Outro é um códice.

Você também precisa entender o que é um códice. Um códice era onde as folhas eram encadernadas em forma de livro, muito parecido com uma forma muito antiga de montar um livro. Em vez de anexar todas as folhas e enrolá-las, elas foram apenas encadernadas em forma de livro.

Isso foi um códice. E estes são simplesmente diferentes tipos de manuscritos que temos disponíveis e aos quais temos acesso. Apenas alguns outros termos que você precisa conhecer.

Um que provavelmente é óbvio, mas ainda precisa ser mencionado, é o escriba. Um escriba seria simplesmente aquele que copiou e fez cópias do texto do Novo Testamento ou do Antigo Testamento. Algumas outras palavras que você precisa entender são tendência do escriba.

Você verá frequentemente essa palavra nas discussões sobre as críticas da Tetra. A tendência do escriba referia-se apenas aos tipos de coisas que um escriba faria. Lembre-se de que dissemos que normalmente como os escribas registravam ou copiavam um documento, eles leriam o documento, teriam que manter o que acabaram de ler em mente enquanto transferiam para sua página e o copiavam.

E certas tendências sobre as quais falaremos um pouco mais tarde, certas tendências podem ditar o que aconteceu quando aquele texto foi, novamente, um escriba poderia esquecer algo, ou um escriba poderia intencionalmente, um escriba poderia tentar harmonizar algo. Por exemplo, se um escriba estava lendo algo em um dos Evangelhos, e parecia conflitar com o que ele, talvez ele apenas copiou o Evangelho de Mateus na semana anterior, e agora está trabalhando em Marcos, e parece haver uma diferença . Ele poderia tentar harmonizá-lo e fazê-lo soar, fazer com que os dois Evangelhos soassem como um ao outro.

Portanto, há certas tendências. Enquanto um escriba copiava, ou quando um escriba ouvia um texto lido e o gravava, há certas tendências, certas coisas que um escriba pode fazer, e falaremos um pouco mais sobre elas. Os dois últimos são, e há muitos outros termos sobre os quais poderíamos falar, mas quero manter as coisas simples e apresentar os termos principais.

Uma delas é a palavra unseal. Essa é a descrição de um tipo de manuscrito. Um manuscrito sem selo era basicamente, e isso se refere mais ao estilo de escrita, ao contrário do papiro, pergaminho ou códice que se refere ao tipo de manuscrito, isso se refere mais ao estilo de escrita.

Um manuscrito aberto era aquele que basicamente estava escrito em letras maiúsculas. A maioria, estou convencido de que a maior parte de todos os

documentos do Novo Testamento provavelmente teria sido escrita em escrita não selada. Ou seja, o escritor teria escrito em letras maiúsculas em grego e não haveria espaços entre as palavras.

Ao contrário da maioria de nossos idiomas hoje, onde colocamos espaços entre as palavras para facilitar a determinação, os manuscritos abertos não teriam espaços entre as palavras. As frases teriam sido executadas juntas e praticamente não haveria pontuação também. Esse é um manuscrito aberto.

Muito mais tarde, vários séculos depois, muitos dos manuscritos são o que se chama, o que se chama de minúsculos. Esse é o último termo que quero apresentar a você. Minúsculo.

Era mais um tipo de escrita cursiva e, mais tarde, as palavras começaram a ser distinguidas umas das outras e divididas. Esses são alguns dos termos mais importantes. Manuscrito, variante, papiro, pergaminho e códice, escriba, tendências escribas e, em seguida, tipos de manuscritos abertos e minúsculos.

Esses são termos que você verá com frequência ao ler ou ler discussões ou ouvir discussões sobre críticas de textos. Mas essas são apenas maneiras de descrever os tipos de evidências com as quais os críticos textuais trabalham para tentar reconstruir com a maior precisão possível e tão fielmente quanto possível a forma dos manuscritos originais que os autores do Novo e do Antigo Testamento teriam produzido. Então, primeiro, há uma evidência embaraçosa quando se trata do Novo Testamento.

Em segundo lugar, apresentei alguns termos importantes. Uma terceira coisa a dizer sobre a crítica textual é que os manuscritos são de tipos muito diferentes. As

evidências manuscritas com as quais os autores do Novo Testamento trabalham são de tipos muito diferentes.

Às vezes, muitas das evidências manuscritas consistem em cópias reais do Novo Testamento. Na língua grega, sejam manuscritos não lacrados, novamente as letras maiúsculas sem divisão entre as palavras, ou mais tarde mais escritas do tipo cursivo. Algumas das nossas, muitas das nossas evidências manuscritas estão na forma de cópias reais em grego do texto do Novo Testamento.

Mas outro, e dissemos às vezes que são muito fragmentários, apenas um fragmento, um pedaço de uma seção do Novo Testamento. Outras vezes, é um livro inteiro ou parte de um livro ou vários livros. Eles são, ou às vezes praticamente todo o Novo Testamento, mas muitos dos nossos manuscritos consistem em cópias reais do texto do Novo Testamento.

Além disso, temos exemplos dos pais da igreja primitiva, especialmente do terceiro e quarto século, onde os pais da igreja, os primeiros, os líderes da igreja primitiva, após a conclusão da escrita do Novo Testamento, os pais da igreja primitiva, muitas vezes citação do Novo Testamento. E suas citações do texto do Novo Testamento muitas vezes nos dizem que manuscrito eles poderiam ter, ou que forma do Novo Testamento eles poderiam ter à sua disposição. Então, em outras palavras, as citações que os pais da igreja estão citando do Novo Testamento, suas citações fornecem evidências valiosas para construir, ajudar a reconstruir o Novo Testamento e a redação dele e o que ele disse.

Portanto, os pais da igreja são importantes. Também temos várias versões ou traduções antigas do Novo Testamento. À medida que os manuscritos do Novo Testamento se espalhavam mais amplamente, geograficamente, e precisavam ser mais acessíveis a outros povos, falando outras línguas, o Novo Testamento, temos as

primeiras traduções do Novo Testamento em línguas como o siríaco ou também o latim e alguns outras línguas.

E essas traduções também podem ajudar a fornecer evidências de que forma do texto do Novo Testamento esses primeiros cristãos pareciam ter disponível para eles. Assim, os críticos do texto levam em consideração todas essas evidências para tentar reconstruir o que provavelmente Paulo escreveu, ou o que provavelmente Mateus escreveu na forma original do manuscrito. No texto original.

A quarta coisa a dizer é que todas as evidências, e de todas as evidências e manuscritos que temos disponíveis, são textos do Novo Testamento que os críticos tentaram e pensam que podem classificá-los de acordo com diferentes famílias. Então, em vez de ter toda essa miscelânea de evidências, baseadas em semelhanças entre certos textos, os críticos textuais, e esse é outro termo, os críticos textuais, referem-se apenas a qualquer pessoa que esteja envolvida na crítica textual e esteja tentando reconstruir o texto original, mas os críticos textuais acho que eles podem classificar todos esses manuscritos e todas essas evidências em certas famílias. Manuscritos que parecem ter uma relação genealógica entre si.

Manuscritos que parecem vir de um pai comum ou de uma fonte comum. Por exemplo, mencionarei apenas duas das famílias, ou descreverei brevemente, duas das famílias nas quais os críticos de texto parecem pensar que existiam e nas quais parecem pensar que podem classificar os manuscritos. Um dos mais conhecidos é chamado de manuscrito, a família Alexandrina.

A família Alexandrina deriva, descreveria um grupo de manuscritos que parece ter uma linhagem comum que remonta aos manuscritos copiados em Alexandria, Egito, daí a família Alexandrina de manuscritos. E essa família de manuscritos é considerada de maior qualidade e tem menos alterações e menos harmonização e

tentativas de suavizar o texto. É frequentemente visto que parece refletir leituras mais antigas.

Portanto, a maioria dos críticos de texto pensa que os textos do tipo alexandrino são de altíssima qualidade e muito importantes na tentativa de reconstruir o texto original do Novo Testamento. Outro tipo de família é chamado de Manuscrito Ocidental. Mas o terceiro tipo que quero discutir brevemente é chamado de Bizantino.

A maioria dos nossos manuscritos gregos do Novo Testamento se enquadra nesta categoria. É muito mais tarde. Parece ser uma família de manuscritos posteriores que surgiu muito depois até mesmo do Alexandrino.

Muitas vezes é caracterizado por tentativas de suavizar o texto, onde se um escriba escrevesse em relação a esta família de manuscritos, se um escriba considerasse um texto muito difícil, ele poderia tentar suavizá-lo ou tentar harmonizá-lo com outro texto ou algo assim. Assim. A família de manuscritos bizantinos é considerada importante, embora muitas vezes não tão importante quanto a Alexandrina. Mas ainda fornece evidências da possibilidade de que estes manuscritos possam conter a leitura original de um texto do Novo Testamento.

Mas é importante compreender os críticos de texto, embora não contem simplesmente as provas ou digam que se o Alexandrino a tem ou se 50 manuscritos têm esta leitura e apenas três ou quatro têm isto, aquele com 50 está certo. Não é simplesmente contar os manuscritos, mas é pegar todas as evidências que veremos em um momento e pesá-las para tentar descobrir o que provavelmente fez Paulo, Lucas ou Mateus ou, no Antigo Testamento, novamente Isaías ou o salmista, o que provavelmente eles escreveram? Então, mais uma vez, os estudiosos de todos os manuscritos pensam que podem dividi-los em famílias diferentes que parecem ter

um relacionamento diferente e semelhante. Todos os manuscritos que parecem ter uma relação semelhante entre si e têm tipos de leituras semelhantes são vistos como pertencentes a uma família comum.

Um quinto conceito a ser apresentado a você é a ideia de que existem dois tipos de evidências com as quais os críticos textuais lidam na reconstrução do texto do Novo Testamento. Um deles é conhecido como evidência externa e o outro é conhecido como evidência interna. Evidências externas se refeririam a coisas como a data de todos esses manuscritos e a que família eles pertencem.

Nós apenas olhamos para Alexandrino, Bizantino ou Ocidental para que eles olhassem as evidências sobre a que família pertenciam esses manuscritos? Qual é a data desses manuscritos? Eles estão muito adiantados? Eles são muito mais tarde? Só porque alguém chegou cedo e outro atrasado não significa automaticamente que alguém esteja certo e outro não. É apenas parte da evidência que eles levam em consideração. A distribuição geográfica, se uma determinada leitura em um manuscrito parece estar ligada a um local, em oposição a uma leitura de uma variante que pode estar amplamente espalhada geograficamente.

Pode aparecer em várias localizações geográficas. E há uma série de outros fatores que também são levados em consideração. Tendências do escriba, o que um escriba provavelmente fará ao copiar ou ao ouvir o texto lido.

Tudo isso é chamado de evidência externa e é levado em consideração ao tentar determinar novamente o que provavelmente o autor mais antigo do Novo Testamento escreveu? A outra é chamada de evidência interna. A evidência interna refere-se à evidência no próprio texto. É isso que sabemos sobre o estilo do autor? O que sabemos sobre sua gramática e as palavras que ele usou? O que sabemos sobre sua teologia? Portanto, olhando para o contexto mais amplo do documento em si,

especialmente para Paulo olhando para todas as suas cartas e olhando para as suas tendências teológicas, etc.

e usar essa evidência novamente interna, isto é, evidência no próprio texto, para ajudar os autores, os críticos do texto, a estabelecer o que mais provavelmente era o texto original. Então, por exemplo, alguém, novamente, quando você olha para todos os manuscritos e há alguma variação entre eles, o correto pode ser aquele que estaria em conformidade com o estilo de Paulo e seu vocabulário, sua teologia na carta e em outras partes das cartas que ele escreveu. . Tentando escolher a leitura que seja mais consistente com o que sabemos sobre Paulo e sua teologia e seus escritos em outros lugares.

Então essa é uma evidência interna. Novamente, alguns críticos de texto preferem um ao outro. Alguns concordariam com as evidências internas ao decidir qual leitura estava correta.

Alguns se concentrariam mais nas evidências externas. Outros tentariam novamente pesar os dois e levá-los em consideração tanto quanto possível. Então, novamente, alguns podem preferir se concentrar em uma família.

Por exemplo, alguns críticos textuais deram prioridade à família Alexandrina.

Lembre-se que falamos sobre os diferentes manuscritos que podem ser agrupados de acordo com famílias e parentesco genealógico. Alguns críticos de texto dariam prioridade ao Alexandrino, pois qualquer texto que seja qualquer leitura encontrada em manuscritos do tipo Alexandrino é provavelmente o original.

Outro, outros críticos de texto poderiam dar preferência ao bizantino e tudo o mais sendo igual, uma leitura encontrada na família bizantina de manuscritos seria a preferida. Um método de crítica de texto que parece ter se popularizado e com o

qual a maioria concordaria é o chamado método eclético. Ecletismo eclético e fundamentado é o termo sofisticado para isso.

Simplesmente o que isso significa é levar em consideração todas as evidências e pesá-las e não dar necessariamente prioridade a nenhuma, mas pesar todas as evidências, internas, externas, a data do manuscrito, a família a que pertence. Novamente, se você estiver olhando para todos os manuscritos e em um versículo, há algumas variantes nos manuscritos, está pesando todas as evidências, a data, a distribuição, seja bizantina, alexandrina, olhando para as tendências dos escribas, olhando internamente para o estilo do autor, seu vocabulário, sua gramática, etc. Levando tudo isso em consideração para fazer a tentativa mais fundamentada, a reconstrução mais fundamentada possível que provavelmente reflita exatamente o que o autor original escreveu.

No Novo Testamento, pelo menos, há dois textos gregos que emergiram como o texto comum usado pela maioria dos professores e estudantes do Novo Testamento. Uma delas é a Sociedade Bíblica Unida, a UBS, cuja quarta edição acaba de sair. E, a propósito, a maioria dos manuscritos, a maioria dos Novos Testamentos gregos que temos, geralmente continuam a ser editados e atualizados à medida que mais evidências são encontradas, às vezes à medida que descobrimos novas maneiras de encarar os problemas do texto.

É uma tentativa contínua de, mais uma vez, reconstruir o mais fielmente possível a aparência do manuscrito original. Mas um dos manuscritos comuns é o da Sociedade Bíblica Unida, a quarta edição. O outro é conhecido como Nestlé-Aland, esses dois nomes, Nestlé e Aland, refletem os editores principais.

O texto Nestlé-Aland, que está em sua 27ª edição, são dois textos muito comuns e hoje os mais proeminentes e comuns do Novo Testamento que foram produzidos

com base na crítica textual. Então, novamente, pegando todas as evidências do manuscrito e pesando todas as probabilidades, etc. Estes são os textos que foram produzidos que refletem e mais de perto as nossas tentativas de representar o que os autores do Novo Testamento realmente escreveram.

Uma outra questão final sobre a qual falar brevemente são os diferentes tipos de mudanças e motivações para essas mudanças que um escriba pode introduzir. Novamente, lembre-se, como o escriba tem um manuscrito do qual está copiando, e enquanto o copia, ele deve ler uma linha, ou por mais que um escriba leia, algumas palavras ou uma linha, e então manter isso em sua mente como ele então se aproxima e começa a escrever na página em branco. Enquanto ele faz isso, ou dissemos que a outra possibilidade era que um escriba pudesse estar ouvindo alguém ler um texto.

À medida que esses dois cenários acontecem, certas mudanças podem ocorrer e podem ser introduzidas no manuscrito que o escriba está produzindo. Por exemplo, e para voltar um pouco, essas mudanças são de dois tipos. Algumas dessas mudanças são acidentais, ou algumas dessas variantes ou erros introduzidos são acidentais.

Ou seja, eles ocorrem involuntariamente e falaremos sobre alguns deles. O outro tipo é intencional. Um escriba pode tentar intencionalmente melhorar o manuscrito de alguma forma.

Então ele tem esse manuscrito, ele pode ver alguma dificuldade nele, ou algo que não está claro, que ele tentará melhorar. Portanto, há algumas mudanças que são intencionais. Portanto, mudanças intencionais podem ser isso.

Uma mudança intencional muito comum é a harmonização. Novamente, um escriba, especialmente com os Evangelhos, um escriba pode tentar harmonizar um evangelho

com o outro. Novamente, se um escriba estiver copiando, por exemplo, este é um exemplo muito importante de como isso aconteceu.

Se o escriba está copiando o Pai Nosso em Lucas, e talvez o escriba esteja muito bem ciente da versão do Pai Nosso em Mateus capítulo 6, o escriba que está copiando Lucas pode tentar intencionalmente fazer com que a versão de Lucas do Pai Nosso pareça justa. como os de Matthew, porque ele quer que soem iguais. Não pode haver nenhuma discrepância ou diferença. Assim, um escriba pode tentar harmonizar-se intencionalmente, especialmente com os Evangelhos, tentar harmonizar certos textos.

Novamente, se o escriba talvez tenha apenas copiado Mateus ou conheça Mateus, e como agora está copiando Marcos ou Lucas, ele pode intencionalmente tentar fazê-los se conformarem um com o outro. Outro é um escriba, um segundo é um escriba que pode tentar melhorar ou suavizar algo que é áspero ou parece ser um problema ou impreciso ou uma inconsistência. Então, novamente, um escriba pode estar lendo um texto e, especialmente, talvez teologicamente, talvez o texto pareça questionar, a forma como está redigido pode parecer questionar algo que entra em conflito com a crença teológica do escriba.

Portanto, o escriba pode alterá-lo ou atualizá-lo para refletir uma teologia precisa ou algo parecido. Então, esses são exemplos de mudanças intencionais, onde novamente o resultado é o escriba, e isso é importante, o escriba está tentando melhorar o texto de alguma forma. Ele está tentando esclarecê-lo, harmonizá-lo, remover conflitos ou inconsistências como ele os vê , torná-lo conforme à teologia da igreja e à crença teológica padrão, e tentar remover quaisquer inconsistências.

Portanto, a maioria das mudanças intencionais são tentativas de melhorar o texto. Mas o outro tipo de mudança não é intencional. Essas mudanças, novamente, são introduzidas pelo escriba involuntariamente.

O escriba não está tentando melhorar o manuscrito, mas são mudanças introduzidas acidentalmente. Novamente, na maioria deles, quando o escriba lê um manuscrito e depois o transfere para registrá-lo em outro manuscrito, ou quando o escriba ouve o texto lido e o grava, certas mudanças não intencionais podem surgir. Por exemplo, um escriba pode perder o seu lugar.

Você já fez isso antes, talvez, se estiver lendo e especialmente se estiver cansado. Se você já esteve muito cansado e leu um parágrafo e leu, já experimentou ler a mesma linha novamente. Os escribas muitas vezes ficavam cansados quando estavam lendo e registrando manuscritos, e às vezes eles podem, especialmente se estiverem indo de um manuscrito para outro, eles podem ler uma linha e registrá-la, e quando voltarem, eles podem ler o texto. mesma linha novamente e grave-a uma segunda vez.

Ou outra coisa comum é se eles pularem acidentalmente uma ou duas linhas. Então, enquanto eles estão lendo o manuscrito e gravam uma fala, quando voltam, podem não ir para o mesmo lugar. Eles podem pular acidentalmente uma linha, especialmente se a linha começar da mesma maneira que a linha anterior, mas a questão é que eles podem pular acidentalmente uma linha quando estiverem indo e voltando entre o manuscrito que estão copiando e o novo manuscrito que estão produzindo.

Portanto, certas mudanças como essa, que não são intencionais, estão agora refletidas no novo manuscrito que o escriba produziu. E então você pode ver o que

aconteceu. Se alguém usar esse manuscrito e copiá-lo, o mesmo erro poderá ser cometido em manuscritos subsequentes.

E como o galho, a árvore, à medida que se ramifica, outros manuscritos podem detectar os mesmos erros que o escriba ou mudanças não intencionais que o escriba está cometendo. Outra fonte de variação no manuscrito é através da audição, erros de audição. Isto é, quando um escriba ou alguém está lendo um manuscrito novamente, essa pessoa pode não pronunciar algo claramente.

E além disso, especialmente à medida que a língua grega progrediu nos primeiros séculos, nos séculos além do primeiro século, e isto já estava acontecendo no primeiro século, certas vogais começaram a, ou mesmo combinações de vogais, começaram a ser pronunciadas de forma semelhante. Portanto, certas palavras também podem ser pronunciadas da mesma forma. E então, se o escriba ouvir um som e ele puder ser representado por mais de uma letra, qual letra ele escreverá? Por exemplo, na língua inglesa, se alguém disser a palavra entediado, isso é tédio? Que eu estou entediado demais? Ou é PLACA? Como uma placa.

Ou mesmo assim, você sabe, a própria palavra quadro pode ter várias conotações. Então, mesmo em inglês, você sabe, onde as palavras geralmente soam semelhantes. E muitas vezes o contexto é suficiente para ajudar a desambiguar isso.

Mas você entende o que quero dizer. Como alguém está lendo algo, pode não ser pronunciado da mesma forma. Ou em grego, especialmente quando as vogais começam a ser pronunciadas de forma semelhante.

Quando um escriba está ouvindo algo lido, sendo lido, como ele vai soletrar isso? Pode haver diferentes maneiras de soletrar o que ele acabou de ouvir. E provavelmente eles não tiveram o luxo de levantar a mão e perguntar como isso

estava escrito ou algo parecido. Portanto, algumas das mudanças no manuscrito, algumas das diferenças entre os manuscritos podem ser o resultado dos diferentes sons de certas palavras gregas.

Outro exemplo seria outro exemplo de variante que pode vir de um ar à vista. Um exemplo inglês disso. Bem, uma maneira de fazer isso seria apenas inverter algumas letras.

Por exemplo, e isso pode fazer uma grande diferença no significado de uma palavra. Por exemplo, observe a diferença entre a palavra inglesa dog e God simplesmente invertendo duas letras. Isso faz uma grande mudança no significado dessa palavra.

E o mesmo acontecia em grego. Um autor, ao passar de uma para outra, pode acidentalmente, ao ler uma palavra, inverter duas das letras, causando um significado muito diferente. E novamente, os escribas se cansaram.

Alguns deles provavelmente tinham problemas de visão. Eles podem ter acordado com uma atitude ruim naquele dia ou não tiveram uma boa noite de sono. E tudo isso refletirá sua capacidade de copiar um texto com precisão.

E então, às vezes, erros de visão quando eles estão copiando manuscritos podem fazer com que eles escrevam uma palavra, novamente, letras invertidas ou algo parecido, e produzam uma variante ou uma mudança no manuscrito que estão copiando. Um último que é interessante é de vez em quando, e isso é um pouco mais fácil para os críticos de texto lidarem, às vezes era uma prática comum. Este é simplesmente interessante.

Às vezes, era uma prática comum que os escribas fizessem anotações nas margens. Às vezes pode ser uma nota bastante séria sobre o texto. Às vezes pode ser outra

coisa, como, minhas mãos estão frias, ou estou ficando sem tinta, ou minha esposa queimou a torrada hoje, ou algo assim pode estar escrito na margem.

E então, quando algum outro escriba tiver esse texto e estiver copiando, o escriba pode acidentalmente incluir aquela nota na margem do texto. Então, bem no meio do texto de Marcos, pode haver algo como, minhas mãos estão congeladas, porque esse é o tipo de nota que o escriba original poderia ter escrito. Então, novamente, quando os escribas escrevem pequenas anotações nas margens, de vez em quando, se aquele manuscrito mais tarde for copiado por outra pessoa, essas pequenas notas na margem podem realmente acabar no texto.

E então, novamente, ao entender o que está acontecendo, os críticos do texto podem remover isso e perceber que provavelmente um escriba inseriu isso ele mesmo. Então essas são algumas das tendências dos escribas. Essas são algumas das coisas que um escriba pode fazer.

E então, novamente, um crítico de texto trabalhará de trás para frente e, dentre todas essas variantes, tentará, tentará dizer: posso explicar algumas dessas mudanças com base em alterações não intencionais ou intencionais feitas por um escriba? E se eu puder fazer isso, então posso começar a restringir o que, o que é mais provável que Paulo, Lucas ou Mateus tenha escrito? Deixe-me dizer uma última coisa sobre a crítica de texto, depois veremos alguns exemplos muito brevemente. Terceiro, apenas para lhe dar três princípios com os quais os críticos de texto geralmente operam: quais, quais princípios ou que tipo de padrões eles usam? Que princípios informam as decisões que tomam? Uma delas é que geralmente quando você começa, quando você compara todas as leituras de um homem, então novamente, se, se você é, se um crítico de texto é, olha para Marcos capítulo 1 e versículo 1, e todos os manuscritos, há algumas diferenças neles. A pergunta que ele está tentando fazer é: qual dessas diferenças provavelmente reflete o que Mark

escreveu? E, novamente, não quero deixar a impressão de que cada versículo tem múltiplas diferenças.

Às vezes são só alguns, às vezes são mais de um, às vezes são, é muito óbvio, outras vezes é um pouco mais difícil de determinar. Mas se um escriba está trabalhando com um versículo, e de todos os manuscritos há algumas variantes, algumas diferenças, o escriba, o crítico do texto quer saber qual deles é mais provável que seja aquele que Marcos escreveu. Portanto, um dos princípios é este: de todas essas diferenças, a leitura mais difícil ou mais difícil é provavelmente a mais correta.

E a razão para isso é que é mais provável que um escriba introduza uma melhoria. É mais provável que o escriba suavize, harmonize, melhore o texto, do que introduza uma dificuldade no texto. E, novamente, estes são apenas princípios, eles nem sempre funcionam, porque um escriba pode cometer um erro, poderia plausivelmente, por causa de um erro de vista, ou, por ter pulado uma linha, um autor poderia, um escriba poderia cometer o erro. texto mais difícil e, nesse caso, a leitura mais difícil pode não estar correta.

Mas geralmente, é mais provável que um escriba melhore um texto, suavizando o que ele considera inconsistências, ou problemas teológicos, ou aspereza no texto. O escriba tenderá, tenderá a torná-lo mais suave. Portanto, com base nisso, pensa a maioria dos críticos de texto, sendo todo o resto igual, a mais difícil de todas as leituras, mais difícil das leituras, provavelmente será a correta.

Uma segunda é a leitura mais curta. O segundo princípio geral é que a leitura mais curta provavelmente será a correta. Portanto, de todas as variantes e diferenças, aquela que for mais curta provavelmente será a correta.

E, novamente, o raciocínio para isso é que é mais provável que um escriba expanda, suavize e melhore o texto, e faça acréscimos a ele. Embora, novamente, haja exceções. Vimos que um escriba pode pular acidentalmente uma linha ao copiar um texto, produzindo um texto mais curto.

Portanto, estas não são regras rígidas e rápidas. Existem princípios que geralmente são seguidos. Sendo todo o resto igual, a leitura mais curta será a correta, porque é mais provável que um escriba expanda, elabore e suavize.

Uma terceira, que geralmente é seguida, é que a leitura de, novamente, quando você tem manuscritos com leituras diferentes, a leitura que melhor pode explicar as origens dos outros provavelmente será a correta. Se você conseguir explicar a origem de todas as outras leituras com base em uma delas, provavelmente é a leitura correta. Por exemplo, muitas vezes o que você descobre que acontece é que, às vezes, se um escriba tem mais de um manuscrito, ou conhece mais de uma leitura, a saída mais fácil pode ser combiná-los todos.

E então, muitas vezes, às vezes você terá manuscritos com várias leituras, novamente, porque o escriba pode ter tido vários textos, ou pode ter conhecido mais de uma leitura, em vez de tentar descobrir qual delas estava correta, nós vou apenas colocá-los todos lá e combiná-los todos juntos. E então essa é uma maneira de descrever como algumas dessas leituras podem ter sido originadas por um dos outros manuscritos. Então, se você puder explicar todas as variantes, se você puder explicá-las todas com base em uma delas, que se uma delas parece dar origem às outras leituras, provavelmente é a correta.

Portanto, esses são apenas alguns dos princípios que os críticos de texto utilizam na tentativa de determinar qual foi provavelmente a leitura correta de um texto. Agora,

deixe-me dar alguns breves exemplos do Novo Testamento. Já mencionamos um deles e, novamente, a maioria deles são apenas diferenças de palavras.

Novamente, não quero que você pense, deixe-o com a impressão de que se você tiver um manuscrito sobre Marcos, todos os outros manuscritos divergirão dele em quase todos os aspectos. Todo o manuscrito é diferente. E muitas vezes são apenas diferenças de redação aqui e ali, mas veremos que às vezes a diferença é mais substancial.

Um exemplo, muito fácil que já mencionamos, vem de Lucas capítulo 1 e 1 a 4, o prólogo de Lucas, onde Lucas diz, pareceu-me bom escrever o meu próprio ou produzir o meu próprio relato da vida de Cristo, para que você, Teófilo, saiba da certeza dessas coisas. Há alguns manuscritos posteriores que acrescentaram as palavras, quando Lucas diz, pareceu-me bom, eles acrescentaram as palavras, e ao Espírito Santo. Curiosamente, existem apenas alguns manuscritos que fazem isso, dentre todos os manuscritos que não incluem as palavras, e ao Espírito Santo.

Vemos as palavras, e pareceu bom ao Espírito Santo, em outras partes de Atos. Então, muito provavelmente, porque estes são dois manuscritos posteriores, e não há nenhum, nenhum outro manuscrito que ateste isso, e porque Atos inclui esta frase em outro lugar, e porque parece mais provável ser a tentativa dos escribas de talvez refletir o que Lucas diz. em outro lugar, e talvez até adicionar sanção divina ao texto. Em outras palavras, não é apenas obra de Lucas, provavelmente deve ter a sanção do Espírito Santo, Lucas não escreveu essas palavras.

Lucas escreveu simplesmente, pareceu-me bom produzir isto, produzir este relato. Outro exemplo interessante é Apocalipse capítulo 21 e versículo 3, que na visão de João sobre a Nova Jerusalém, João agora está na verdade citando a fórmula da aliança do Antigo Testamento. E o capítulo 21 diz, no versículo 3 de Apocalipse, E

ouvi uma grande voz vinda do trono que dizia: Agora a habitação de Deus é com os homens, ou com os povos, e com eles habitará.

Eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Se você se lembrar de parte do Antigo Testamento, notará que essa é a fórmula da aliança que frequentemente surge em várias formas em todo o Antigo Testamento. Eu serei o Deus deles, eles serão o meu povo.

João parece basear-se particularmente na versão de Ezequiel 37, embora seja encontrada em Jeremias, Zacarias e em vários textos do Antigo Testamento. Levítico capítulo 26, uma expressão completa da fórmula da aliança. Mas o que é interessante é que existem dois tipos de manuscritos para Apocalipse 21, versículo 3. Na seção onde diz, eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles.

Alguns manuscritos têm pessoas no singular, enquanto outros manuscritos têm pessoas no plural, ou poderíamos dizer uma espécie de povos ingleses afetados. Não usamos muito isso, mas alguns manuscritos de Apocalipse 21, versículo 3 usam, eles serão meu povo, singular. Outros sim, serão do meu povo, no plural.

E a questão é: qual é a leitura correta? O que João provavelmente escreveu? Quando você olha para os próprios manuscritos, como a evidência externa, no que diz respeito à data e ao número de manuscritos, e aos bizantinos e alexandrinos, etc., é muito difícil chegar a uma certa conclusão. Para que outros tipos de evidências sejam geralmente levados em consideração. Por exemplo, é mais provável que um escriba escrevesse o plural das pessoas ou é mais provável que um escriba escrevesse as pessoas no singular? E uma evidência importante é que é interessante que João frequentemente universaliza os textos do Antigo Testamento.

Textos do Antigo Testamento que se referiam especificamente à nação de Israel. Agora João começa a responder às pessoas em geral, incluindo os gentios. E João tem essa frase repetidas vezes ao longo de Apocalipse, pessoas de todas as tribos, línguas, línguas, etc., e nações.

Então, é possível que o próprio João tenha mudado a fórmula do Antigo Testamento que tinha pessoas singulares referindo-se a Israel, e agora ele intencionalmente a tornou plural, povos, para deixar claro que todas as pessoas, não apenas Israel, mas os gentios, pessoas de todos os lugares? tribo e língua e língua e nação, agora pertencem ao povo de Deus, plural. E que talvez um escriba tivesse um escriba conhecendo a fórmula da aliança do Antigo Testamento que está no singular, pode ter tentado mudá-la de volta para fazê-la soar e se conformar com a fórmula da aliança do Antigo Testamento de Ezequiel e Levítico 26 que tinha singular pessoas. Então aqui está um exemplo onde provavelmente, provavelmente João escreveu originalmente o plural das pessoas, e um escriba posterior em algum lugar ao longo da linha pode ter mudado de volta para o singular para fazê-lo soar mais como a fórmula do Antigo Testamento.

Outro exemplo, um exemplo intrigante, é encontrado em Romanos capítulo 5 e versículo 1. Em Romanos capítulo 5 e versículo 1, Paulo começa uma nova seção demonstrando uma espécie de resultados das implicações da justificação pela fé que ele defende nos primeiros quatro capítulos. Então baseado no fato de que alguém é justificado pela fé em Jesus Cristo, começando com o versículo 5, portanto, já que fomos justificados, capítulos 1 a 4, através da fé, temos paz com Deus. Agora, isso parece ser uma afirmação do que é verdadeiro e do que de fato possuímos em virtude de sermos justificados.

Fomos justificados pela fé, portanto, atualmente temos paz com Deus. Não estamos mais em inimizade com Deus. Já não estamos numa relação hostil e agora temos uma relação pacífica.

Contudo, alguns manuscritos, curiosamente, têm aqui uma palavra que poderia ser traduzida deixe-nos ou devemos ter paz com Deus. Mais como uma exortação ou uma ordem. Então, qual é? Novamente, leem alguns manuscritos, temos paz com Deus, fazendo uma declaração indicativa, uma afirmação.

Alguns outros manuscritos dizem que deveríamos ter ou deixar-nos ter paz ou deveríamos ter paz com Deus. Mais como uma exortação ou uma ordem. E este faz um pouco de diferença.

Qual Paulo escreveu? Paulo estava nos ordenando que tivéssemos paz ou que deveríamos ter paz, ou ele estava simplesmente fazendo uma afirmação? Isto é de fato verdade, baseado no fato de que fomos justificados. A diferença, a diferença é uma letra em grego. É a mesma palavra que temos, é a mesma, ou é a mesma palavra ter ou que traduzimos para ter em inglês.

Mas a diferença é, é esta, se esta palavra for traduzida, temos como uma afirmação, uma afirmação, que seria escrita de uma maneira. Ou é um comando? Deveríamos ter, deixe-nos ter, isso seria escrito de outra maneira. A diferença é uma letra que poderia ter sido pronunciada da mesma forma.

Lembra que dissemos que se um escriba está sentado ouvindo o texto lido, às vezes quando uma letra é pronunciada da mesma maneira, o que ele vai escrever? E este é um exemplo de onde o verbo to have poderia ter sido escrito com a mudança de apenas uma letra, e ambas as letras teriam sido pronunciadas idênticas. Todo mundo

vê isso? Se o autor, para usar as palavras gregas, uma delas fosse ekomen, que seria nós temos, a outra seria ekomen. Você vê que a diferença é apenas uma letra.

Ekomen seria devemos ter ou deixar-nos ter, em oposição a ekomen, que seria temos, uma afirmação. O problema era que o ah e o oh eram pronunciados da mesma forma, oh. Então, se você tem alguém lendo e diz ekomen, o que vou escrever? Vou escrever deixe-nos ter ou deveríamos ter, ou vou escrever temos, uma declaração ou afirmação? A maioria, a maioria dos comentários e Romanos que li estão todos convencidos de que muito provavelmente a tradução que temos, é uma afirmação ou afirmação, é a correta.

Mas você ainda pode ver o que os críticos de texto têm que fazer quando têm manuscritos como Romanos 5.1 que têm apenas a diferença de uma letra, o que provavelmente remonta ao fato de que ambas as letras teriam sido pronunciadas idênticas, e fazendo com que alguns escribas escrever uma carta ou outras para escrever outra carta que resultaria na interpretação do texto de uma maneira um pouco diferente. Um exemplo final é muito mais significativo no que diz respeito à extensão. A maioria das que vimos até agora foram simplesmente, por exemplo, Lucas 1 eram apenas algumas palavras.

Os outros dois eram apenas a grafia, literalmente os outros dois eram apenas instâncias de uma letra da diferença entre uma letra. Mas quero examinar brevemente um que é um pouco mais extenso, e que é o final do capítulo 16 de Marcos. E, novamente, não, não espero resolver isso, e não espero resolver isso. entrar em detalhes sobre por que isso aconteceu ou como devemos tratar o texto.

Mas mesmo na maior parte do inglês, isso é tão substancial que quase todas as traduções em inglês que já li incluem uma menção a isso. E isso se você olhar a maioria dos manuscritos em inglês, eles terão uma nota como esta. Estou olhando

um texto da NVI, e ele diz que os manuscritos mais antigos e algumas outras testemunhas antigas não têm Marcos 16, versículos 9 a 20.

Então, se você olhar para a maioria de suas Bíblias, Marcos 16, o último capítulo de Marcos, vai até o final do versículo, vai até o versículo 20. Mas em cada tradução para o inglês que vi tem alguma pequena nota ali no o texto, ou talvez em uma nota de rodapé que diz que alguns manuscritos antigos e outras testemunhas não têm os versículos 9 a 16. E na verdade havia outro, algumas Bíblias em inglês também têm outro final possível que é muito mais curto, e terão um final semelhante observação.

Esses versículos, ou esse final, às vezes eles terão isso em uma nota de rodapé, e novamente eles dirão que não estava em algumas das testemunhas mais antigas ou mais antigas. Então o problema é que aparentemente temos duas versões de Mark. Uma versão contém Marcos, capítulo 16, que vai apenas até o versículo 8. A outra versão de Marcos tem um final, como os versículos 9 a 20.

E não vou perder tempo lendo, mas começa o versículo 9 de Marcos 16, quando Jesus ressuscitou cedo no primeiro dia da semana, apareceu a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi e contou àqueles que estiveram com ele. E então continua, e na verdade no versículo 15, Jesus diz aos seus discípulos, vão ao mundo e preguem este evangelho, estas boas novas a toda a criação, etc, etc.

Então você tem esse final longo que, novamente, minha Bíblia em inglês diz que alguns manuscritos não têm esse final, versículos 9 a 20. Então a questão é: onde Marcos terminou? Marcos terminou no versículo 8? Isso é, como muitos manuscritos, Marcos terminando no versículo 8. É isso. Esse é o fim do evangelho.

Outros manuscritos incluem os versículos 9 a 20. Então, onde terminou Marcos? Novamente, não quero resolver esse problema e entrar em todos os detalhes sobre

isso, mas é possível, é possível que Marcos realmente pretendesse terminar no versículo 8? E eu vou ler. Veja como termina Marcos 16.

Este capítulo 16 é o relato da ressurreição e aparição de Jesus a alguns de seus discípulos. E o versículo 8 diz que, tremendo e desnorteadas, as mulheres saíram e fugiram do túmulo. Eles não disseram nada a ninguém porque estavam com medo.

E esse é o final do capítulo 16, versículo 8. E alguns de vocês podem se perguntar: que maneira é essa de encerrar o evangelho? Com mulheres tremendo, temendo e com medo de contar a alguém? Não é assim que um evangelho termina, especialmente quando você lê Mateus, Lucas e João. Não é assim que o evangelho termina. Mas talvez fosse assim que pensava um antigo escriba.

E talvez os versículos 9 a 20 tenham sido a tentativa de algum escriba antigo de construir um final adequado para o evangelho. E muitos manuscritos seguiram isso e incluíram os versículos 9 a 20. Mas é possível que Marcos realmente tenha terminado no versículo 8? E acho que há boas razões, até mesmo razões teológicas e contextuais com Marcos, que sugerem que pode ser aí que tudo terminou.

Alguns sugerem que, na verdade, no versículo 8, o próprio Marcos escreveu mais depois do versículo 8 e de alguma forma isso se perdeu, cortou ou queimou o manuscrito ou algo assim. De alguma forma isso se perdeu e mais tarde o escriba incluiu os versículos 8, 9 a 20. Mas é possível que Marcos pretendesse terminar no versículo 8? Novamente, não entraremos em detalhes sobre o porquê disso.

Mas talvez então um escriba que tinha um manuscrito onde Marcos termina em 16, 8 pensou que essa era uma maneira insuficiente de terminar o evangelho e conhecia até mesmo Mateus e Lucas e talvez João. E assim, de fato, alguns desses versículos de 9 a 20 se assemelham, especialmente 15 e 16, lembram muito cuidadosamente o

capítulo 28 de Mateus, o texto da grande comissão. Então, talvez um escriba tenha pensado que precisava adicionar um final apropriado ao evangelho de Marcos.

E assim os versículos 9 a 20 aparecem em alguns manuscritos, mas podem não ser o final original que o próprio Marcos escreveu. Então, para concluir, a crítica textual, a crítica textual pretende levar em consideração todas as evidências possíveis, externas e internas. Externamente, a data dos manuscritos, as famílias a que pertencem, a distribuição do manuscrito, se um determinado manuscrito está localizado ou tem sua origem em apenas um lugar, ou se uma leitura parece estar espalhada geograficamente por vários locais e era mais conhecido.

Olhando para a data do manuscrito, as tendências dos escribas, e depois olhando internamente para o estilo, vocabulário, gramática do autor, em outras partes do livro, ou se o autor escreveu outros documentos como Paulo, olhando para a sua teologia e estilo, o mais amplo contexto, usando todas essas informações e tentando reconstruir o mais fielmente possível e com a maior precisão possível, trabalhando de trás para frente a partir de todas as evidências do manuscrito, usando todos esses critérios e informações, trabalhando de trás para frente para reconstruir da maneira mais precisa e próxima possível o que provavelmente aconteceu o autor de Marcos ou Mateus ou Romanos ou Jeremias ou Isaías ou Gênesis, o que provavelmente eles escreveram? Lembre-se, assim como uma árvore onde o tronco se ramifica em várias direções, não temos o tronco, não temos o manuscrito original, temos apenas os galhos e geralmente as pontas dos galhos. Portanto, tentamos trabalhar de trás para frente e reconstruir o que provavelmente o manuscrito original leu de todos os manuscritos que, novamente, no processo de cópia, diferenças surgiram, mudanças surgiram, e a crítica do texto tenta trabalhar a partir da evidência para reconstruir o que provavelmente foi a leitura original. Mas, novamente, quero acrescentar, deve ser dito que nada de importante, na minha opinião, e a maioria dos estudiosos

evangélicos confirmaram isso, nada de importante para a nossa fé em Jesus Cristo depende de diferenças textuais críticas.

O processo de crítica de texto nos permite chegar a um grau muito alto de probabilidade exatamente o que, e operamos todos os dias com altos graus de probabilidade, mas nos permite reconstruir com um grau muito alto de probabilidade o que foi mais provável que o texto bíblico autor escreveu originalmente. Quando olhamos para todos os manuscritos e as evidências que temos, a crítica de texto nos permite trabalhar e reconstruir com um alto grau de probabilidade o que o autor escreveu, para que possamos ter confiança no texto que temos, que podemos ter algo que seja um objeto preciso de interpretação que forneça uma base para o pensamento hermenêutico, a reflexão, a interpretação e a aplicação da Bíblia como a Palavra de Deus. Portanto, esse é o primeiro estágio do processo de transmissão que nos levará a discutir a hermenêutica com mais detalhes.

O processo de transmissão desde a inspiração, a produção original e origem do texto bíblico, até através de todas as evidências à medida que o texto foi copiado e disponibilizado, trabalhando e reconstruindo através da crítica textual um texto para o Antigo Novo Testamento que seja uma reflexão precisa do texto inspirado original. Isso agora nos leva ao segundo, o segundo estágio de transmissão, e que se baseia na reconstrução do texto do Antigo Novo Testamento, agora traduzido em grego e hebraico, a tradução permite então que esse texto seja disponibilizado na variedade de idiomas que com quem falamos, para que agora possamos ter uma base adequada para a hermenêutica e a interpretação. Então, na nossa próxima sessão falaremos um pouco sobre tradução, o processo de tradução, o que constitui uma boa tradução, quais são os diferentes tipos de tradução e qual o papel que a tradução desempenha na hermenêutica e na interpretação, que tradução talvez você deva utilizar em seus próprios esforços hermenêuticos.